

SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O SECCULO

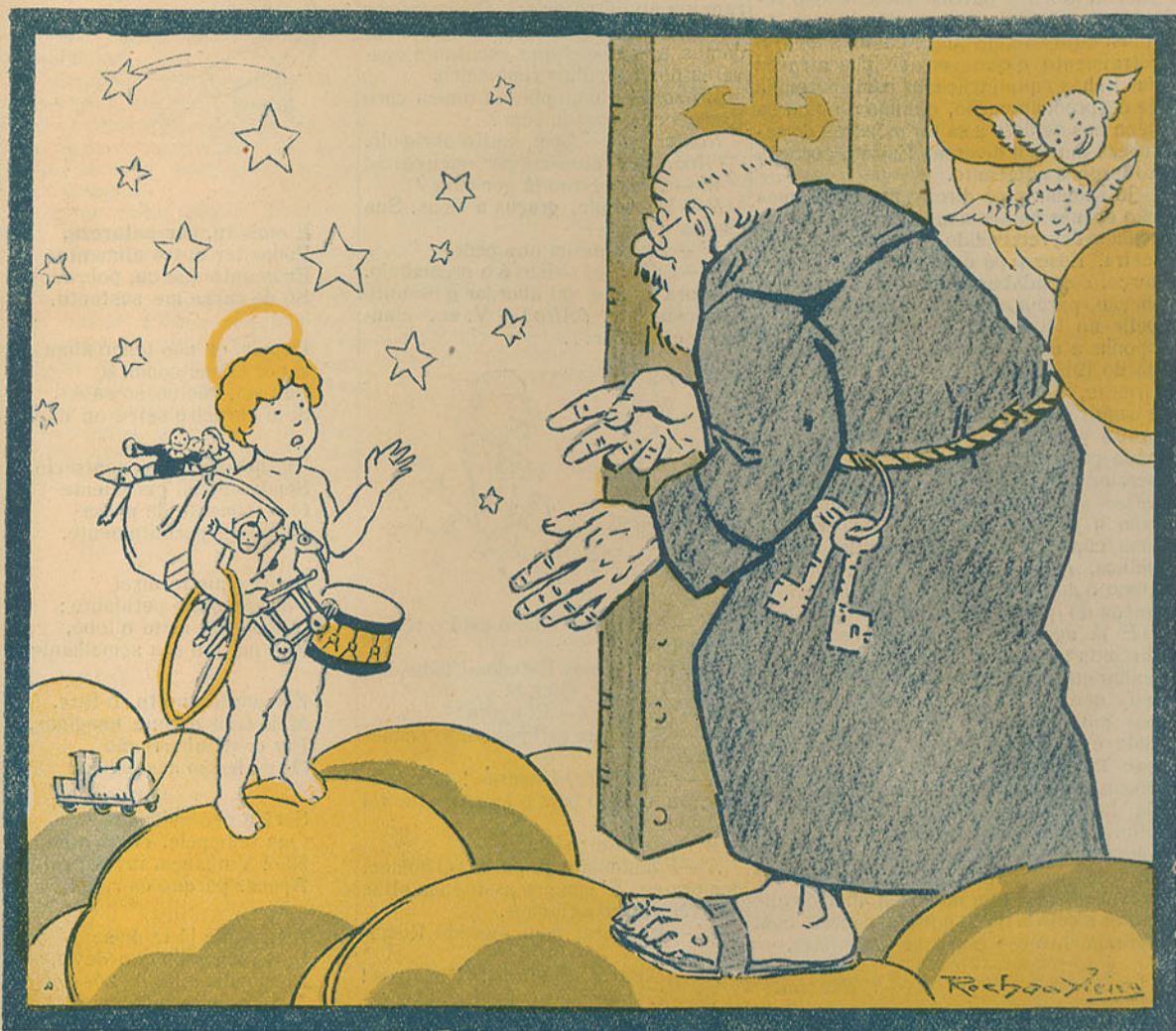
Propriedade de J. DA SILVA GURJARA, Lda.

Director ADACIO DE PAIVA



Redação, Administração e Oficinas—R. do Seculo, 46—Lisboa

NO CEU



S. PEDRO

—Então o menino regressa da Terra com os mesmos brinqueddos que levou?

—E' verdade: o calçado está 'por um tal preço que as crianças não tem sapatos para pôr nas lareiras!



PALESTRA AMENA

1918-1919

Tenham a bondade de estender o pé direito e entrar com ele no novo ano, não porque acreditemos em enguiços mas por aquela razão que dava certo filósofo quando se declarava religioso: se não fizer bem, mal também não faz.

E isto porque o ano que passou foi, digamo-lo sem reboço, um d'estes patifes que nunca deviam ter saído da obscuridade dos tempos, embora quasi ao dar a alma a Santanaz o armistício apparecesse a anunciar eras melhores. Foi um facto alegre, sem duvida, mas para nós não compensou as tristezas que semeou durante a sua regencia, nem nos faltando nenhuma das calamidades classicas—a fome, a peste e a guerra, afora outras que é ocioso relatar e que não teem cabimento nesta folha, cujo titulo justifica de sobejo o retraimento que se adivinha a travez das linhas aqui traçadas com apparencia de despreocupação, quando ao bico da pena nos estão a saltar palavras de natureza muito diversa. Emfim, coração ao largo e adeante.

Já sabem: pé direito na frente, mas não apenas para avançar, como talvez tenham depreendido do principio da palestra. Esse pé deve ser lançado com força, desembaraçadamente, com convicção, para arredar obstaculos e impelir no bico da bota tudo o que se oponha a um bom caminhar pela estrada do 1919; e collocando o direito com firmeza, é fazer o mesmo ao esquerdo e seguir a marcha no mesmo passo, não muito apressado, mas sempre seguro, nada parecido com o que trilhou o asperissimo caminho de 1918, que foi um passo vacilante e mal definido, não com a graciosidade do das crianças nem com a simpatica tremura do dos velhos, mas cambaio, desharmonico como o dos aleijados, mais proprio á queda do que ao equilibrio.

E já agora, o que dizemos dos pés diremos também das mãos, não a aconselhar que se ande com elas pelo chão, mas a dizer que devem ser energeticas nos movimentos, denotando boa vontade e regularidade da massa nervosa que lh'os transmite. D'esse modo é possivel que o 1919 marque uma jornada agradável e propicia, tanto quanto o immediatamente anterior a marcou desagradavel e funesta, e que as nossas futuras palestras amenas possam ser travadas em tom menos sibilino do que o que n'esta terão notado, decerto com aprazimento — como se faz mister.

J. Neutral.

Correspondencia

Mil—Mil diabos o levem, seu intrujão! Prometeu muito e afinal dar o que deu ou nada é a mesma coisa. Bolas—para não dizermos coisa peor.

Que irá fazer o sr. Romanones?

Felizmente, a pergunta que ha 15 dias andava de boca em boca e sobresaltava toda a gente — Que irá fazer a Paris o sr. Romanones? — acaba de obter uma resposta. O sr. Romanones participara ao seu paiz, piscando o olho misteriosamente, que ia entrevistar-se na capital franceza com o Presidente dos Estados-Unidos; insinuava até que a iniciativa da conversação tinha partido do mesmo Presidente, pelo que grandes acontecimentos estavam para acontecer.

Logo um fremito de entusiasmo percorreu a Espanha, comunicando-se aos paizes visinhos e não foi Portugal a nação que menos boquiaberta ficou, como sua fiel amiga, antevendo para ela novas grandezas e prosperidades. Pois bem: as espétativas não foram iludidas e eis *ipsis verbis* o que disseeram um ao outro os srs. Romanones e Wilson, segundo o reporter que mandámos a Paris e que escutou a conversa por traz d'um reposteiro.

Wilson — Como passou o meu caro Romanones, passou bem?

Romanones — Bem, muito obrigado. (Aparte) Tratou-me por «meu caro»!

W — Como estão lá por casa?

R — De saude, graças a Deus. Sua esposa e filhos?

W — Antes assim que peor.

R — (Aparte) — Isto é o preambulo. Agora é que vai abordar o assunto transcendente. (Alto) — V. ex.^a mandou-me chamar...



W — Ah! sim! Como está o tempo lá por Espanha?

R — Frio. E nos Estados-Unidos?

W — Regular. Oíça lá...

R — (Aparte) — E' agora!

W — Sabe que estimei muito conhece-lo?

R — (Radiante) Deveras?! Que honra para o meu paiz o merecer-lhe tal estima!

W — Estimei; sim.—

R — Eguamente. (Aparte) O homem demora-se. E' sempre assim nas altas questões internacionaes.

W — E agora, meu querido Romanones...

R — (Aparte) Querido! Canastros!

W — E agora, desculpe-me, mas tenho muito que fazer. Até outra vez. (Levanta-se).

R — Até mais ver. (Sae).

Foi isto, que para espiritos superficiaes parecerá uma trivialidade, mas que no fundo tem um alcance incalculavel para o equilibrio mundial.

O homem e o lobo

O lobo, farto de ouvir Tanta injuria por acinte, Encontrando ha pouco um homem Falou do modo seguinte:

—«Ora vem cá, meu amigo, Que de calunias abusas: Por que razão me censuras. Por que motivo me acusas?

Por eu matar os carneiros Que encontro nos matagaeas? E tu não fazes o mesmo A diversos animaes?



E mais tu, por natureza, Podes ter outro alimento, Emquanto que eu, pobre lobo, Só de carne me sustento.

Depois, eu não tenho alma E por minha condição Não sei, não posso saber, Se o carneiro sofre ou não.

Tu, homem, pelo contrario, Sendo animal consciente O sofrimento da presa Conheces perfeitamente.

Ainda mais te direi Por seres tão petulante; O lobo não mata o lobo, Não mata o seu semelhante,

Emquanto que tu, ó fera, Mais fera do que imaginas, Por cruel aberração O teu irmão assassinas!

Será a necessidade Que te impele, como a mim? Não! Vingança, inveja, raiva, Apenas porque és ruim!

Agora que já te disse Bem menos do que devia, Responde: qual de nós dois Mais precisa montaria?

Calou-se. Longo silencio Pairou no monte e no prado E o homem, de olhos no chão, Afastou-se, envergonhado.

Belmiro.



A sorte grande

O Anacleto Pinhão era infelicissimo ao jogo e nem por isso era ditoso nos amores, ao contrario do que afirma o ditado popular. Assim, tendo casado por paixão com D. Emilia Linguareira, esta, justificando o apelido, fazia-o de fel e vinagre, falando pelos cotovelos, não para lhe dizer amabilidades, mas para o descompôr, sob o minimo pretexto.

Ora um desses pretextos era o azar do Pinhão na loteria, apesar de jogar todas as semanas, com o desespero de quem só da sorte pode esperar melhoria de situação.

— Patife! safardana! malandro! exclamava a D. Emilia Linguareira, juntamente com outros vocabulos igualmente desagradaveis, todas as vezes que comprava a lista da Santa Casa e verificava que os decimos e cautelas compradas pelo marido estavam brancos como a neve. Mas para que jogas tu, malvado?...

E seguia-se uma hora, pelo menos, de invétivas, até que o marido, tapando os ouvidos e pondo o chapéu na cabeça, fugia de casa a sete pés, para ao voltar, receber nova e interminavel decompostura.

Imaginar-se-ha que o Anacleto Pinhão acabou por se emendar da sua mania, não é verdade? Pois engana-se quem tal supuzer. Na ultima loteria, na do natal, o nosso homem não se pôde conter e desta vez, pedindo um adiantamento sobre os seus ordenados de modesto funcionario do ministerio das Finanças, comprou um bilhete inteiro, isto é, gastou o melhor de cento e vinte escudos, apesar dos sermões da esposa, que nem de noite o deixava pregar olho, a baladar furiosamente.]



— Mas agora tenho a certeza de que me sae a sorte grande, assegurou o Pinhão, como, afinal, assegurava em todas as loterias.

— Desavergonhado! púlha! pandilha! ladrão! salteador!

Etc., etc., etc.

Andou a roda. D. Emilia chamou um rapaz que vendia a lista, consultou-o e — ó deusa da fortuna! — viu que os duzentos e quarenta contos tinham saído no numero do bilhete do marido!

Sem descrevermos o jubilo insensato da respeitavel senhora, o que seria tarefa impossivel, diremos apenas que preparou ao marido uma estrondosa recepção, tal como aquela dama da celebre comedia de Gervasio Lobato, *O comissario de policia*, em situação analoga.

Pela 18 horas o Pinhão entrou em

EM FOCO



O Borda d'Agua

*O aureo numero diz, e ele relata
Os santos, do primeiro ao fim do ano,
Marca as fases da lua, a, sem engano,
E de qualquer eclipse e a hora exata,*

*Quando é a sementeira da batata,
O tempo que á colheita causa dano,
Os fluxos e refluxos d' do oceano,
De equinoxios, solstícios diz a data;*

*Emfim, é cidadão que e na sabença
Excede em muito os sábios da Parvonia,
Não só por esta lista, e, que é imensa,*

*Mas pela frase, extranhamente idonea,
Que lançou á maneira a de setença,
O velho e lapidar Deusis super omnia!*

BELMIRO.

casa, com a lista na algibeira, cabisbaixo e disposto a receber mais uma repre-menda, quando subitamente a esposa lhe cae nos braços balbuciando:

— Já sei que... nos saiu a sorte grande!

— Estás enganada, respondeu o Pinhão, corajosamente. Como de costume, tudo branco!

— Estás a troçar comigo, disse D. Emilia.

— Trago aqui a lista.

E o Pinhão mostrou a lista, onde não figurava efétivamente o numero desejado.

D. Emilia foi buscar a que tinha comprado. Era da loteria anterior! O garoto tinha-a enganado miseravelmente.

Então, querendo despejar a catadupa de epitetos injuriosos que lhe acudiram á mente, esboçalho os olhos, abriu a boca—mas nem um som conseguiu articular. A comocão tinha-lhe tirado para sempre o uso da fala!

Anacleto Pinhão jurou nunca mais jogar na loteria e diz á boca cheia aos que lhe estranham a resolução:

— Já não preciso. Saiu-me a sorte grande!

J. Campeão.

Alvitres para uma reforma

No ultimo numero d'este incomparavel semanario, o nosso *Jerolmo de Peras Ruivas* protestou contra o imperdoavel esquecimento do seu nome por parte de quem nomeou a comissão para apresentar as bases da reforma do teatro Nacional. Que o homem tem carradas de razão é facto incontestavel, como se prova pelos alvitres que nos apresentou e que, a serem segui-

dos, resolveriam evidentemente o problema de bem servir a arte dramatica e de chamar numerosasa concorrência ao dito teatro.

Eles aí vão:

1.º—Substituir a actual companhia do Nacional pela do o bem conhecido D. Rodrigo, da feira 6 de Agosto, cujos artistas, por serem e de trapos, não exigem ordenado para comedorias, nem se intrigam uns e aos outros.

2.º—Restaurar o Saçanto Oficio e dar ao edificio a sua antigga applicação, pondo a tormentos todos e os maus autores



e actores, até que se regenerem e fiquem impossibilitados de cometer mais delitos.

3.º—Demolir o edificio e entregar o recinto ao conhecido e emprezario Segurado, para os fins que tiver por convenientes, mandando o o actual receio artistico parte para o o *Pauliteama* de Peras Ruivas, outra parte para o Asilo dos Invalidos.

Ainda outros alvitreses o nosso emnente colaborador nos expoz, que não publicamos porque os que aí ficam já chegam para certas pessoas ficarem como uma bicha.

Suspensão



ZÉ POVÃO:

— D'antes chamavam-lhe *peixe espada*; agora chamam-lhe *garantias*...